



## INVESTIDAS DA FICÇÃO CIENTÍFICA **NO CINEMA BRASILEIRO**

Segundo Zuenir Ventura ("Fora de ordem e de lugar", Blog do Noblat, 13/3/2013), "o Brasil é um país onde o surrealismo não vingou como movimento artístico, mas como maneira de ser". Guarda da sias devida siproporções, o mesmo dia gnóstico talvez se aplique ao estado do gênero ficção científica (FC) no Brasil – sobretudo o cinematográfico/audiovisual. O "país do futuro" de Stefan Zweig já seria per se uma ficção científica – haja vista sua história e, entre outros aspectos, sua capital Brasília. Não à toa Terry Gilliam teria dado o nome de Brazil - O filme (1985) à sua distopia futurista.

A FC ingressa no cinema brasileiro pela via da comédia. Uma aventura aos 40 (1947), do dramaturgo e comediante carioca Silveira Sampaio, é dos primeiros filmes nos quais podemos reconhecer pelo menos um elemento de FC: uma televisão interativa do futuro. Em 1954, a Brasil Vita Filmes lança Carnaval em Marte, filme dirigido por Watson Macedo sobre expedicionária s marcianas que chegam a nosso planeta em pleno carnaval - e decidem levá-lo para Marte.

O ano de 1962 pode ser importante para uma arqueología do cinema de FC nacional, pois é quando surgem dois filmes em particular, O quinto poder e Os cosmonautas, representativos das duas correntes mais básicas que se desenvolveram no panorama brasileiro do gênero.

O quinto poder, dirigido por Alberto Pieralisi e com roteiro de Carlos Pedregal, talvez seja um dos primeiros filmes brasileiros de FC genuína – ou talvez, melhor dizendo, "sério-dramática" (a expressão é de Ismail Xavier), sobre intriga internacional em torno da ameaça da tecnologia subliminar. Em O quinto poder, agentes estrangeiros infiltrados no Brasil planejam dominar a população do país por meio de mensagens subliminares vei culadas por conexões clandestinas às antenas de rádio e TV. Visto hoje, o filme parece sinistramente premonitório do golpe militar de 1964.

Na comédia de FC Os cosmonautas, produzida pela Herbert Richers, um cientista brasileiro sonha em levar conterrâneos astronautas à Lua. Com argumento e direção de Victor Lima, estrelado por Ronald Golias e Grande Otelo, Os cosmonautas foi lançado pouco depois da crise dos mísseis de Cuba, coincidência que realcou seu discurso pacifista – a reboque de O dia em que a Terra parou (1951), de Robert Wise.

No final dos anos 1960, cineastas ligados ao Cinema Novo também se aventuraram na FC como interface para parábolas e alegorias. Brasil ano 2000, filme de 1968 escrito e dirigido por Walter Lima Jr., trata de um Brasil do futuro ainda governado por militares, depois da "Grande Guerra Nuclear de 1989" que devastou os países desenvolvidos. Conforme explica Ismail Xavier em Alegorias do subdesenvolvimento, "a ficção científica ajuda a driblar a censura e cria o contexto unificado para a simulação de uma sociedade que alude ao Brasil militarizado de 1969/70 e seus projetos de modernização".

Na década de 70 surgem ainda filmes experimentais como O Anunciador: O homem das tormentas (1970), dirigido por Paulo Bastos Martins – uma "tentativa de ficção científica sob uma ótica interiorana" (Luiz F. A. Miranda, Dicionário de cineastas brasileiros), livremente inspirado no conto Um moço muito branco, de Guimarães Rosa —, além de coproduções internacionais como O homem das estrelas (1971), filme franco-bra sileiro dirigido por Jean-Daniel Pollet e produzido por Luiz Carlos Barreto, sobre alienígena que viaja no tempo percorrendo diversos períodos da história do Brasil.

Nelson Pereira dos Santos experimenta a FC com Quem & Beta?, coprodução franco-brasileira de 1972-3. Neste futuro hippie-pôs-apocalíptico, o foco recai sobre a relação de uma visitante com casal que vive entrincheirado, abatendo "zumbis" a tiros. O filme é representativo da fase "lisérgica" de Nelson em Paraty-RJ, e que inclui Azyllo muito louco (1970), adaptação de O alienista (1882), de Machado de Assis.

A partir de 1976, com O Trapalhão no planalto dos macacos, de J. B. Tanko, Os Trapalhões vão explorar cada vez mais o pastiche galhofeiro de sucessos hollywoodianos. Assim será com os filmes do grupo dirigidos por Adriano Stuart: Os Trapalhões na querra dos planetas (1978) e O incrivel monstro trapalhão (1980).

Em 1978, Para da 88: o limite de alerta, dirigido por José de Anchieta, introduz de forma mais pronunciada a temática ambientalista, ao mesmo tempo em que propõe uma crítica ácida à situação social e política do Brasil da época. Atrama de Parada 88 se passa em dezembro de 1999, seis a nos após uma fábrica explodir espalhando no artoneladas de substância tóxica. O vazamento persiste e a população é obrigada a viver trafegando por túneis plásticos que interligam os prédios da cidade, além de pagar pelo ar respirável.

Em 1981, Abrigo nuclear, de Roberto Pires, propõe novamente um tratamento "sério-dramático" dos temas da FC. Com roteiro de Pires e Orlando Senna, ofilme especula sobre o problema da energia nuclear e seu impacto ambienta L Num contexto de desenvolvimento pouco sustentável imposto pelo governo militar brasileiro, Abrigo nuclear soma-se a Para da 88 no alerta quanto



À esquerda, Abrigo nuclear, à direita.

O anunciador: o homem das tormentas

a catástrofes ecológicas como a que aconteceria em Chernobyl, em 1986. Na maioria dos casos, porém, a FC continuou servindo de combustível à comédia brasileira. Em 1982, Ivan Cardoso lança O segredo da múmia, clássico do "terrir" em que cientista brasileiro aplica seu "elixir da vida" à múmia de um psicopata que viveu no Egito antigo.

Amor voraz, filme de 1984 escrito e dirigido por Walter Hugo Khouri, constitui um "ponto fora da curva" no cinema do gênero. Trata-se de uma FC austera, sem efeitos especiais mirabolantes nem recurso a elementos muito evidentes de identificação com o gênero. O filme, sobre o relacionamento entre uma mulher e um alienígena, é representativo de uma vertente da FC mais sutil, poética e intimista. Segundo o crítico Jairo Ferreira, "filme de science-fiction sem efeitos especiais ou visuais, Amor voraz é um raro exemplar da inesgotável força do cinema como veículo de sugestões poéticas" (Voo entre galáxias, Filme Cultura nº 45, mar/1985).

No início da década de 90, mesmo em meio a período de depressão da indústria cinematográfica nacional, a FC insiste em sobreviver. Rodado entre 1989 e 1993 e jamais lançado comercialmente, Oceano Atlantis, dirigido por Francisco de Paula, apresenta o Rio de Janeiro inundado pelo oceano, onde um mergulhador acaba encontrando descendentes da civilização atlante.

FC e comédia continuam unindo forças em O efeito ilha, filme de 1994 escrito e dirigido por Luís Alberto Pereira, sobre técnico de TV vítima de estranho fenômeno: depois de um acidente, sua imagem ocupa todos os canais de TV, 24 horas por dia, numa espécie de reality show ininterrupto.

Iniciada em 1992 e lançada em 1996, a animação infantil Cassiopeia, de Clóvis Vieira, tornouse o primeiro filme brasileiro 100% digital, com orçamento de US\$ 1,2 milhão. O filme narra a aventura de salvamento do pacífico planeta Ateneia, que está tendo a energia de seu sol drenada por nave alienígena inimiga.

Já no século XXI, Acquaria, filme de 2003 dirigido por Flávia Moraes, usufrui da computação gráfica ao tratar de um futuro distante, quando a Terra é um planeta desértico e a água, o bem mais precioso. Enquanto isso, Ivan Cardoso ressuscita o terrir com Um lo bisomem na Amazônia (2005), livre adaptação de Amazônia misteriosa (1925), de Gastão Cruls. Saneamento básico, o filme (2007), de Jorge Furtado, vai remeter ao schlock cinema numa comédia de metaficção sobre a realização de um filme do gênero. Assim, Saneamento veicula comentários não apenas sobre a distância dos blockbusters popularmente associados à FC em relação à realidade dos cineastas do Terceiro Mundo, mas principalmente sobre o contexto da produção audiovisual brasileira atual, amplamente dependente de leis de incentivo fiscal.

Em 2010, Nosso lar, dirigido por Wagner de Assis, acena com uma possível tendência para as manifestações da FC no cinema brasileiro contemporâneo: a combinatória com o filme espírita



Saneamento básico, o filme

(sobre o filme espírita brasileiro, ver a tese de doutorado de Laura Cánepa, *Medo de quê?- uma história do horror nos filmes brasileiros*, Campinas, SP: [s.n.], 2008). Baseado na obra do médium brasileiro Chico Xavier, *Nosso lar* relata as experiências de André Luiz após sua morte, quando seu espírito vaga pelo umbral mas acaba resgatado, vindo a conhecer a cidade espiritual que dá nome ao filme. Vale lembrar que a associação entre espiritismo e FC não é tão absurda quanto possa parecer, dado o próprio cientificismo da doutrina kardecista, além da obra de autores como Camille Flammarion. Se o realismo sempre pareceu tão influente nas letras e no cinema brasileiros, o fantástico parece encontrar uma interface mais "familiar" ao grande público justamente nas narrativas espíritas, desde filmes de comédia (*O jovem tataravô*) e horror (*Excitação*) a adaptações mais contemporâneas, com recurso à computação gráfica e a elementos pontuais do imaginário científico e tecnológico.

Os anos 2000 não apresentam filmes brasileiros de FC em longa metragem dignos de nota por sua originalidade e ousadia, porém marcam um interesse renascente pelo gênero, sobretudo por parte de cineastas estreantes ou veteranos de "espírito jovem". O aporte de tecnologias digitais mais ágeis e acessíveis aproximam o cinema de FC do horizonte dos (novos) cineastas.

No início dos anos 2010, o cinema brasileiro de FC parece revisitar fórmulas desgastadas ou velhas conhecidas, por vezes com o incremento de efeitos visuais mais rebuscados e atores famosos. Nesse contexto se insere O homem do futuro (2010), de Cláudio Torres, comédia romântica fantasiada de FC que explora os quiproquós habituais em torno do tema da viagem no tempo. A vertente dos filmes espíritas com visual remissivo à FC, anunciada por Nosso lar, ganha mais um representante com Área Q (2011), filme dirigido por Gérson Sanginitto que abriu o  $2^{\circ}$  Festival de Cinema Transcendental em Brasília.

No cinema brasileiro contemporâneo, investidas mais integrais ou assumidas no terreno da narrativa fantástica ainda parecem mais condizentes com o cinema "independente" – ainda que com uma "forcinha" das leis de incentivo municipais, como *Nervo craniano zero* (2012), longa paranaense de Paulo Biscaia Filho. Nesse sentido, exemplo de iniciativa ambiciosa em termos de filme de zumbi brasileiro em longa metragem é *Mangue Negro* (2008), de Rodrigo Aragão, sobre casal que enfrenta zumbis que surgem misteriosamente do lamaçal de um mangue povoado por pessoas grotescas. Mestre em maquiagem de baixo orçamento, Aragão já dirigiu mais dois longas no gênero horror-FC: *A noite do chupacabras* (2011) e o recém-lançado *Mar negro* (2013). *Porto dos Mortos* (2010), espécie de *western* em futuro pós-apocalíptico, de Davi de Oliveira Pinheiro, também merece destaque entre longas recentes.

Lançado em abril de 2013, *Uma história de amor e fúria*, escrito e dirigido por Luiz Bolognesi, venceu o mais importante prêmio da animação mundial, o de melhor filme no Festival de Annecy, na França. O longa revisita a história do Brasil a partir do ponto de vista de um imortal, que atravessa os séculos à procura das reencarnações da mulher que ama – novamente, o viés espírita. A FC fica principalmente a cargo de um Rio de Janeiro em 2096, quando a água potável se tornou um bem escasso e milícias particulares oprimem o povo. A premiação desta fantasia de FC pode vir a favorecer o desenvolvimento do gênero no mercado audiovisual brasileiro.



O quinto poder

Uma última palavra deve ainda ser dita em relação ao cinema de FC em curta metragem, produções totalmente independentes ou de baixíssimo orçamento, realizadas no âmbito de festivais e escolas de cinema. Títulos como O fim (1972), de Elie Politi, Barbosa (1988), de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado, Loop (2002), de Carlos Gregório; curtas de José Mojica Marins; os filmes em Super-8 de cineastas como C. Perina C. (Outra meta, 1975) e Marcos Bertoni (Sangue de tatu, 1986); Projeto Pulex (1991), de Tadao Miaqui; Tempo real (2004), de Mino Barros Reis e Joana Limaverde; Nada consta (2006), de Santiago Dellape; curtas de zumbi de Rodrigo Aragão, Joel Caetano e Rodrigo Brandão, entre outros, e finalmente o mockumentary Recife frio (2010), de Kleber Mendonça Filho, além das fantasias futuristas do cineasta mineiro Carlos Canela.

O cinema de FC em curta metragem tem se beneficiado de tecnologias digitais que barateiam a produção e potencializam a exibição, mas alguns novos realizadores ainda percebem tais ferramentas apenas como plataforma mais acessível para se emular o cinema de FC americano, notadamente o "filme-catástrofe", como no caso de Céus de fuligem (2005), de Márcio Napoli. Convém lembrar também tentativas recentes de seriado televisivo no Brasil, como o piloto 3% (2010), dirigido por Daina Giannecchini, Dani Libardi e Jotagá Crema, na esteira de sucessos estrangeiros como Arquivo X ou Lost.

Enquanto em Hollywood a FC é empreitada de grandes estúdios, sendo praticamente sinônimo de efeitos especiais, no Brasil o gênero é pouco explorado comercialmente. Segundo o escritor Gerson Lodi-Ribeiro, o fraco desenvolvimento do cinema de FC no Brasil "talvez se dê em função da persistência de uma noção equivocada de que são necessários efeitos especiais grandiosos para se contar uma boa história de ficção científica. Noção equivocada típica de quem tem pouca intimidade com o gênero". Em Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro (São Paulo: Devir, 2005), Mary Elizabeth Ginway sugere que a pouca visibilidade da FC no Brasil teria a ver com a supervalorização do romance realista e com o histórico nacional de subdesenvolvimento. Com frequência, a FC não se formula senão no âmbito da caricatura, o que poderíamos chamar provisoriamente de "efeito Varginha" – o "Caso Roswell" brasileiro originou variadas atrações populares de TV, "causos" e paródias, mas nunca sequer algo equivalente a uma série como a americana Arquivo X, nem de fato convenceu como teoria conspiratória.

Os entraves ao maior desenvolvimento e visibilidade do cinema brasileiro de FC são vários. Uma boa metáfora para o cinema nacional do gênero talvez seja a de uma espaçonave obsoleta e com excesso de peso. Essa carga excedente se compõe de itens tão diversos como velhos preconceitos artísticos, carência de políticas públicas mais consistentes com foco sobre o desenvolvimento científico e tecnológico, problemas na percepção pública da ciência e tecnologia, ausência de uma "cultura da invenção", valorização excessiva do realismo em detrimento de outros estilos ou estéticas, elitismo cultural, deficiências no sistema educacional, etc.

Ainda assim, em meio a tudo isso, a FC insiste em sobreviver no universo cinematográfico brasileiro como a estranha forma de vida de um mundo distante e cujos sinais, tímidos e esparsos, são raramente detectados por nossos radiotelescópios intelectuais.

Alfredo Suppia é professor de cinema da Universidade Federal de Juiz de Fora e desenvolve pesquisa de pós-doutorado na ECA-USP. É autor do livro Atmosfera rarefeita: a ficção científica no cinema brasileiro (São Paulo: Devir, 2013).



Recife frio